




RESILIÊNCIA COMUNITÁRIA

Uma aplicação prática para a Protecção Civil

32º GeoForum – TERCUD – ULHT

Mestre Leonor Gandra
Docente na Licenciatura em Geografia e
Desenvolvimento

O CONCEITO DE RESILIÊNCIA



Segundo as Nações Unidas (2005) a resiliência é a aptidão de uma comunidade quando exposta a riscos para:

- ✓ Absorver o stress advindo de forças destrutivas através da sua capacidade de resistência ou de adaptação;
- ✓ Manter as funções e estruturas básicas da comunidade a funcionar (ou com a menor perturbação possível) durante o choque ou desastre;
- ✓ Recuperar rapidamente (melhorando se for o caso) as suas condições e modos de vida após o choque.

O CONCEITO DE RESILIÊNCIA (cont.)

UM NOVO PARADIGMA PARA A PROTECÇÃO CIVIL

- ❑ Enquanto a abordagem ao risco tradicionalmente dava ênfase
 - aos problemas, limitações e falta de recursos, **o novo paradigma privilegia os recursos das pessoas e dos grupos**, tentando apreender quais os factores e processos que levam à superação das adversidades;
 - aos profissionais do risco e ao Estado considerando-os os únicos intervenientes responsáveis pela resolução do sinistro, **o novo paradigma faz apelo a uma abordagem integrada e global.**

O CONCEITO DE RESILIÊNCIA (cont.)

UM NOVO PARADIGMA PARA A PROTECÇÃO CIVIL

- Esta nova abordagem requer para promover a resiliência:
 - ❖ **Cooperação**, dado o envolvimento e a participação de actores diversificados (stakeholders) nas várias fases da gestão dos riscos,
 - ❖ **Concertação** no desenvolvimento de diagnósticos, planeamento e avaliação dos riscos,
 - ❖ **Comunicação** dos processos de adaptação e de resistência como forma de aprendizagem social.

Em qualquer das fases de intervenção da Protecção Civil.

AValiação Rápida Participativa DOS RISCOS



- Tendo em conta os princípios expostos anteriormente, a aplicação prática que aqui se propõe para a promoção da Resiliência Comunitária consiste em **5 etapas** :
 - 1. Da preparação à Mobilização da Comunidade
 - 2. Avaliação Rápida Participativa dos Riscos
 - 3. Avaliação Rápida Participativa das Vulnerabilidades
 - 4. Avaliação Participativa das Capacidades Comunitárias
 - 5. Planificação das Medidas de Redução de Risco

1ª Etapa:

Da Preparação à Mobilização da Comunidade

ACTIVIDADES e FERRAMENTAS

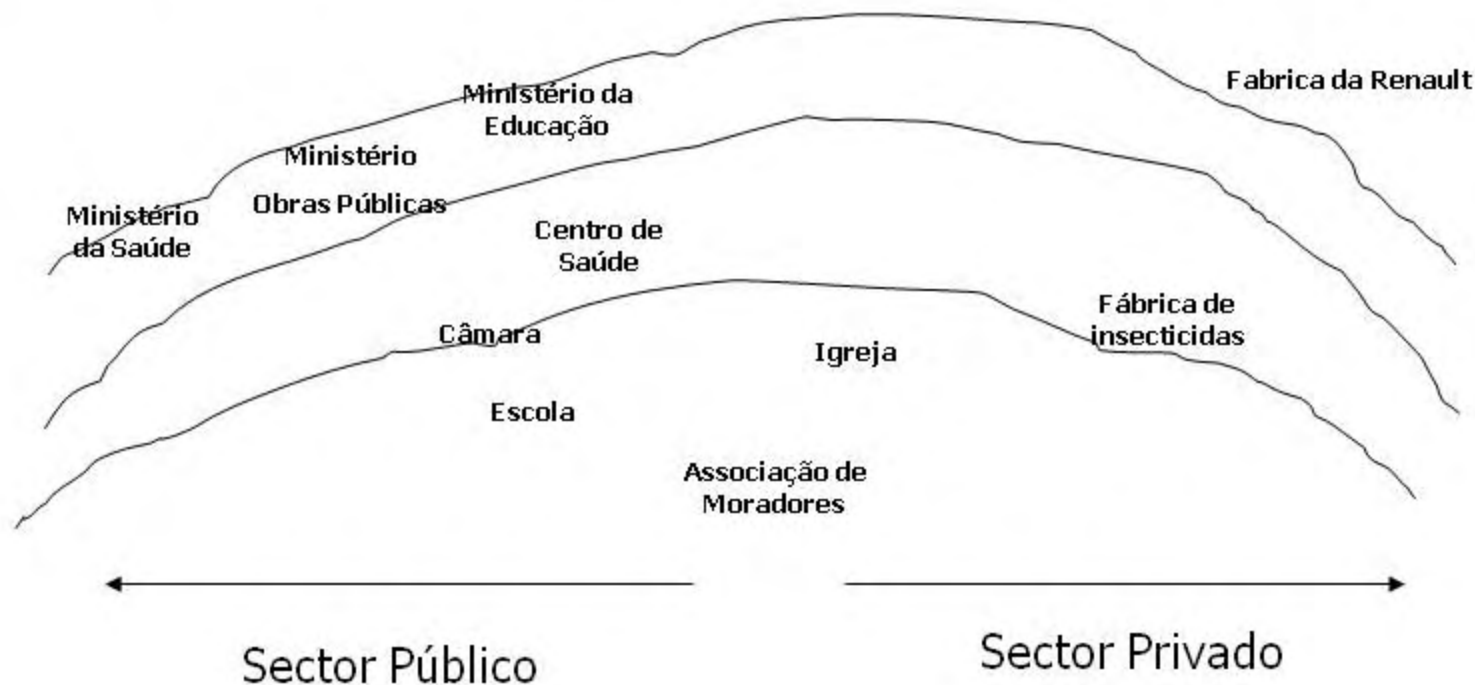
- ❑ Selecção da Comunidade em questão
- ❑ Identificação e contacto com os Leaders da Comunidade
- ❑ Processo de reconhecimento global dessa Comunidade
- ❑ Análise dos Stakeholders e convites para participarem nas sessões de trabalho/workshop participativos
- ❑ Planificação do processo de Facilitação
- ❑ Apresentação da metodologia à Comunidade

1ª Etapa (cont.):

Da Preparação à Mobilização da Comunidade

ACTIVIDADES e FERRAMENTAS

- Para nos ajudar a seleccionar os Stakeholders podemos utilizar a técnica da Paisagem Institucional:



2ª Etapa: AVALIAÇÃO RÁPIDA PARTICIPATIVA DOS RISCOS

ACTIVIDADES e FERRAMENTAS

- Realização de um Workshop com vista a identificar os principais tipos de riscos presentes no território, suas características e os respectivos stakeholders envolvidos

TIPO DE RISCO	SECA
HISTORIAL	XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
FREQUÊNCIA	De 3 em 3 anos década 90. Cada ano e meio desde 98.
DURAÇÃO	De algumas semanas de Verão até recentemente durante 4 meses
IMPACTO	Perda de colheitas; morte de animais; decréscimo do rendimento rural, ...
STAKEHOLDERS	XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

2ª Etapa : *AVALIAÇÃO DOS RISCOS (cont.)*

ACTIVIDADES e FERRAMENTAS

- Classificar os riscos por ordem de prioridade e identificar as medidas que os stakeholders estariam em condições de pôr em prática a partir dos seus recursos, conhecimentos tradicionais e/ou competências: matriz de análise de risco

Tipo de Riscos	Probabilidade de ocorrência	Impacte geral	Prioridade	Potenciais soluções
	R – raro I – improvável P – possível MP – muito provável	R – reduzido M – moderado E – elevado ME - extremo		

3ª Etapa:

AVALIAR AS VULNERABILIDADES



ACTIVIDADES e FERRAMENTAS

- ❑ Organizar Focus Group (ou seja, Grupos Temáticos) para debater as vulnerabilidades para cada risco individualmente
- ❑ Para obter os dados económicos: calendário sazonal
- ❑ Para os dados naturais: cartas de riscos, caminhada
- ❑ Para os dados sociais: diagrama de Venn
- ❑ Para sintetizar podemos preencher a matriz das vulnerabilidades

3ª Etapa:

AVALIAR AS VULNERABILIDADES (cont.)

ACTIVIDADES e FERRAMENTAS

- Matriz das vulnerabilidades

O risco afecta as populações	Em termos económicos	do Edificado	Individuais e Sociais	Naturais e Ambientais
Efeitos				
Causas				
Potenciais soluções				
Stakeholders Aliados				

4ª Etapa: AVALIAR AS CAPACIDADES

ACTIVIDADES e FERRAMENTAS

- Podemos seguir os mesmos passos que na etapa anterior, tendo desta vez em conta os seguintes critérios, de forma a elaborar a matriz das capacidades comunitárias:


TIPO DE RECURSOS	Local Stakh	Capacidade de Resistência	Adaptação	Mobilização de recursos
Físico Estruturas				
Humano Cultural				
Económico Financeiro				
Político Social				
Técnico Científico				

5ª Etapa: ELABORAÇÃO DO PLANEAMENTO

ACTIVIDADES e FERRAMENTAS

- ❑ Acabada a fase de diagnóstico, passa-se em seguida para a de planeamento, onde as tarefas mais importantes terão a ver com a resposta aos seguintes elementos:
 - ❑ Quais os objectivos a atingir?
 - ❑ Através de que actividades serão concretizados os objectivos?
 - ❑ Que tipo de recursos são necessários? Com que calendário?
 - ❑ Quem irá financiar o projecto?
 - ❑ Quais os grupo alvo, parceiros, responsáveis pelo projecto?
 - ❑ Quais os indicadores de resiliência a ter em conta?

PRINCIPAIS CONCLUSÕES

- 
-
- ❑ Processo flexível e relativamente rápido
 - ❑ Que contribui para a conscientização e aprendizagem social
 - ❑ Daí que a sua importância saía reforçada se aplicada em prevenção; também pode ser realizado durante uma reabilitação
 - ❑ Contribui para o Desenvolvimento Sustentável